REIGOTA, M. O que é educação ambiental. São Paulo: Ed. Brasiliense, 2004.

SEGURA, Denise de S. Baena. Educação Ambiental na escola pública: da curiosidade ingênua à consciência crítica. São Paulo: Annablume: Fapesp,

2001. 214p

TRISTÃO, Martha. A educação Ambiental na formação de professores. São

Paulo: Facitec, 2004.

VELASCO, Sírio Lopes. Perfil da lei política nacional de educação ambiental.

Disponível em:

<http://www.dm.ufscar.br/~salvador/homepage/pro_ciencias_2002/materialdistribuid o/Educacao%20Ambiental%20e%20Meio%20Ambiente/Sirio%20artigo%20PNEA%2 0set%202001.pdf>
Acesso em: 30 de out.de 2021.

OS DESAFIOS DO PROFESSOR UNIVERSITÁRIO E SUAS CONQUISTAS

JOSÉ CARLOS GONÇALVES

Resumo

Essa pesquisa é fruto de uma necessidade que nasce a partir da baixa qualidade na formação de novos professores universitários, carentes na formação inicial e na formação continuada. Segundo a percepção de Gimeno Sacristán(1999), o professor que deseja se aprimorar como profissional autônomo e com as competências necessárias para exercer essa desafiadora e empolgante profissão deve pautar em aspectos como dedicação, formação continuada e ser, para o resto de sua carreira, alguém que reflita em suas ações e que vá sendo formado gradativamente descobrindo seus próprios métodos pela a prática do dia a dia na relação com seus alunos em sala de aula. À medida que a pesquisa foi sendo desenvolvida, novos elementos teóricos foram colaborando na visão prática dentro e fora da sala de aula, mostrando que a teoria não vive sem a prática, e que o seu melhor professor passa a ser sua própria vivencia diária, através de suas ações adaptadas no seu jeito de ser. Para Gimeno(1999), se não houver reflexão na prática o processo ensino aprendizagem se compromete dando lugar a certos hábitos que do ponto de vista de Perrenoud(2001) se reveste de uma habitualidade inconsciente na prática educacional denominada Habitus. Muitas de sua ações passam a serem puramente mecânicas e sem a devida preparação necessária. Por isso todas as informações contidas nesse trabalho trazem consciência da necessidade de uma boa formação não só inicial, mas principalmente, das competências necessárias para haver lucidez durante o trabalho educacional do professor universitário. A partir de todo caminho em busca ao aperfeiçoamento do potencial necessário na descoberta desse conhecimento é que se vai desenvolvendo uma prática refinada na arte de ensinar; as dificuldades iniciais são, sem dúvidas enormes, mas sem errar, toda a expectativa e vontade de acertar gera uma força de mudanças em direção ao alvo certo, pois lutar em busca de um alvo errado é um tempo perdido que não volta mais, mas gerrear no rumo das esperanças de uma educação amparada por lei e

princípios sólidos não só edificam a todos, como prepara o alicerce do edifício de sonhos de um projeto infalível, pelo menos do ponto de vista científico, humano e ético.

Palavras-chave: Formação inicial e continuada; vivência diária; reflexão na prática; lucidez.

Abstract

This research is the result of a need that arises from the low quality in the formation of new university professors, lacking in the initial formation and the continued formation. According to the perception of Gimeno Sacristán (1999), the teacher who wishes to improve himself as an autonomous professional and with the necessary skills to carry out this challenging and exciting profession must be based on aspects such as dedication, continuous training and being, for the rest of his career, Someone who reflects on their actions and who is gradually graduated by discovering their own methods by practicing day to day relationships with their students in the classroom. As the research was developed, new theoretical elements were collaborating in the practical vision inside and outside the classroom, showing that the theory does not live without the practice, and that its best teacher becomes its own daily experience, through Of their actions adapted to their way of being. For Gimeno (1999), if there is no reflection in practice, the teaching-learning process is committed, giving rise to certain habits that from the point of view of Perrenoud (2001) has an unconscious habituality in the educational practice called Habitus. Many of your actions become purely mechanical and without proper preparation. Therefore all the information contained in this work brings to the awareness of the need for a good training not only initial, but mainly, of the skills necessary to have lucidity during the educational work of the university professor. From every way in search of perfecting the potential needed to discover this knowledge, a refined practice is being developed in the art of teaching; The initial difficulties are undoubtedly huge, but without mistakes, all the expectation and desire to hit generates a force of change towards the right target, because to fight in search of a wrong target is a lost time that does not come back, but to manage In the direction of the hopes of law-abiding education and sound principles, not only builds all, but prepares the foundation of dream-building for an infallible project, at least from a scientific, human, and ethical point of view.

Key-words: initial and continued formation; diary routine; reflection in practice; lucidity.

Resumen

Esta investigación es fruto de una necesidad que nace a partir de la baja calidad en la formación de nuevos profesores universitarios, carentes en la formación inicial y en la formación continuada. Según la percepción de Gimeno Sacristán (1999), el profesor que desea perfeccionarse como profesional autónomo y con las competencias necesarias para ejercer esa desafiante y emocionante profesión debe pautar en aspectos como dedicación, for-

mación continuada y ser, para el resto de su carrera, Alguien que refleje en sus acciones y que va siendo formado gradualmente descubriendo sus propios métodos por la práctica del día a día en la relación con sus alumnos en el aula. A medida que la investigación fue desarrollada, nuevos elementos teóricos fueron colaborando en la visión práctica dentro y fuera del aula, mostrando que la teoría no vive sin la práctica, y que su mejor maestro pasa a ser su propia vivencia diaria, a través De sus acciones adaptadas a su manera de ser. Para Gimeno (1999), si no hay reflexión en la práctica el proceso de enseñanza aprendizaje se compromete dando lugar a ciertos hábitos que desde el punto de vista de Perrenoud (2001) se reviste de una habitual inconsciente en la práctica educativa denominada Habitus. Muchas de sus acciones pasan a ser puramente mecánicas y sin la debida preparación necesaria. Por eso todas las informaciones contenidas en ese trabajo traen conciencia de la necesidad de una buena formación no sólo inicial, sino principalmente, de las competencias necesarias para tener lucidez durante el trabajo educativo del profesor universitario. A partir de todo camino en busca del perfeccionamiento del potencial necesario en el descubrimiento de ese conocimiento es que se va desarrollando una práctica refinada en el arte de enseñar; Las dificultades iniciales son, sin dudas enormes, pero sin equivocarse, toda la expectativa y la voluntad de acertar genera una fuerza de cambios hacia el blanco correcto, pues luchar en busca de un blanco equivocado es un tiempo perdido que no vuelve más, sino gerrer En el rumbo de las esperanzas de una educación amparada por ley y principios sólidos no sólo edifican a todos, como prepara el cimiento del edificio de sueños de un proyecto infalible, al menos desde el punto de vista científico, humano y ético.

Palabras clave: Formación inicial y continuada; Vivencia diaria; Reflexión en la práctica; Lucidez.

1 INTRODUÇÃO

A educação tem sido palco de muitas discussões na sociedade, tanto por intelectuais quanto por pessoas simples. Todas elas com o mesmo ponto de vista: a educação não vai tão bem a começar pelo desinteresse dos alunos, por faltar boa base na formação inicial dos professores, por não haver estímulos e reconhecimento do trabalho dos educadores e por não haver valorização digna no plano de carreira.

O tema tratado nessa pesquisa implicará em uma abordagem importante quanto a possíveis descobertas feitas pelo professor em situações de desafios em sala de aula. Ele vai perceber que nem sua formação inicial nem a conclusão do curso pós-graduação de docência para ensino superior o capacitará suficientemente a ponto de dominar uma classe de alunos com problemas em sua base fundamental de educação e muitos discriminados pelo baixo índice cognitivo e emocional.

A partir de toda trajetória em busca do desenvolvimento e internalização desse conhecimento é que vai se desenvolvendo uma prática refinada na arte de ensinar; no início as aulas não alcançam os objetivos desejados por trazerem elementos muito teóricos e falsas expectativas não muito condizentes com a realidade

vivida em sala de aula, mas com o passar do tempo a própria vivência diária passa a ser seu próprio professor, haja vista que nenhum professor é assistido por outro como suporte em seus primeiros passos como acontece na medicina, na qual um aprendiz cirúrgico acompanha o médico cirurgião professor experiente durante todo processo de aprendizagem até sua plena capacitação e autonomia. Na educação, o professor deve e pode até ser um bom pesquisador, mas o verdadeiro domínio da arte de ensinar vai acontecendo na práxis do dia a dia, crescendo lentamente, baseando-se em testes e verificação dos resultados obtidos. Sempre na busca de uma constante, quase que um ritual harmonioso nessa relação com os alunos.

Dentro desse cenário desafiador o professor é chamado a refletir profundamente em suas ações, principalmente em meio às dificuldades enfrentadas na sala de aula, onde as necessidades de mudança concorrem a um cenário não muito apropriado de aprendizagem em sua maioria das vezes. Por isso, o professor universitário, a partir da LDB, não é mais um transmissor de conhecimento, mas um mediador, um facilitador que ajuda seu aluno a pensar, pesquisar, refletir na construção do conhecimento; é chamado a ser um intelectual crítico construindo o saber por meio de uma reflexão ativa atualizando-se em sua área de formação, sem deixar de ter uma visão clara do mundo acadêmico e social.

Falar de um tema tão importante nos dias atuais sobre o papel e a responsabilidade do professor de nível superior requer visão prática e sensibilidade quanto ao grande desafio que ele terá que enfrentar na descoberta de novos rumos e resultados educacionais com fórmulas não prontas e acabadas, que requer muita transpiração e às vezes pouca inspiração, teoria. Falar do papel do professor e de suas responsabilidades é falar dos desafios que se enfrenta na sala de aula no mundo de hoje, onde o respeito e dedicação passaram a ser adjetivos de pouca importância.

Quer-se ressaltar nesse trabalho os cuidados fundamentais na relação professor e aluno, cujo tema na atualidade tem sido muito discutido, mas com poucos resultados satisfatórios gerando duvidas quanto aos deveres e direitos que se estabelece nessa relação, onde muitas vezes o foco é desviado para pontos de pouca relevância.

Esse trabalho irá contribuir para gerar uma crítica saudável dentro do domínio da atuação do professor em face de seus próprios desafios e suas descobertas, pois a arte e a práxis de sua profissão não se compõe de uma receita de bolo com ingredientes fáceis de ser encontrado nas prateleiras das bibliotecas, ou em sites no universo acadêmico, mas de suor e formação continuada. A pesquisa simplesmente apontará um caminho a partir de vivencias que deram certo no seu dia a dia deixando a cargo do professor a parte mais nobre, suas descobertas e seu aperfeiçoamento pessoal, contando, é claro, com o protagonismo do aluno, imprescindível a uma aprendizagem de qualidade.

Essa pesquisa nos revela o valor e o papel do professor em sua formação contínua, principalmente aquela que se dá dentro da sala de aula e na relação com seus pares, onde o professor vai desco-

brindo mecanismos que o ajudará na relação com o aluno não só como profissional da educação, mas alguém que tem sentimentos e que pode expressar sua própria vida partilhada sem medo de achar que está misturando a matéria com sua vida pessoal.

2 FORMAÇÃO INICIAL: DESAFIO A SER SUPERADO

É de senso comum que o professor sai do magistério ou licenciatura despreparado a lecionar ou, de alguma forma, parcialmente incapaz de lidar com uma classe de cheia de alunos com sérias dificuldades cognitivas e afetivas. A realidade é que isso não é uma lenda, mas uma realidade triste de acreditar, na qual não se percebe que dentro do próprio projeto pedagógico existem cláusulas da própria LDB exigindo a busca de formação desses mesmos professores que ingressam e que, segundo Veiga(2000), as universidades deveriam ter como papel o empenho máximo na parte formativa, estimulando e gerando condições humanas para que o professor universitário se prepare bem para o exercício do magistério.

Ao terminar um curso de formação em docência para nível superior ou mestrado, o professor, ao se deparar com a realidade de uma sala de aula desinteressada e sem base suficiente para progredir em seus estudos, tende a descobrir por si mesmo caminhos alternativos através daquilo que aprendeu em sua formação inicial.

Como o tempo de formação acadêmica para lecionar é curto e muito teórico, o professor acaba descobrindo, na prática, uma nova forma de aprender, ensinando. A teoria se mescla à prática formando um só bloco de evolução em sua escalada de conhecimentos através de tentativas e erros até descobrir uma forma mais adequada com seu jeito de ser.

Segundo Lortie:

"Os professores dizem que o seu principal professor tem sido a experiência; ele aprendem a ensinar através de ensaios e erros na sala de aula. Aquilo que eles visualizam como processo de aquisição, são práticas testadas pessoalmente, não um refinamento ou aplicação de princípios de instrução geralmente válidos. Eles insistem que a influencia dos outros são escolhidas através de seus conceitos pessoais e são sujeitas a testes práticos. As conotações do termo socialização parecem um tanto tendenciosas quando aplicadas a este tipo de indução, visto que elas implicam numa maior receptividade para a cultura preexistente, que parece prevalecer. Os professores são, em grande parte, formados por si mesmos; a internalização do conhecimento comum é apenas uma parte de seu movimento em direção à responsabilidade do trabalho" (Lortie,1975,p.80).

A partir de todo movimento de internalização desse conhecimento é que se desenvolve a habilidade refinada da arte de ensinar; a princípio com muitas palavras carregadas de conceitos teóricos e filosóficos, e com o passar do tempo, transformada em ações adquiridas no entrelaçamento contido nas relações humanas professor-aluno. Todo aperfeiçoamento é baseado em testes e verificação dos resultados buscando sempre encontrar o equilíbrio de uma aprendizagem de quali-

dade.

Portanto, o que era problema na formação inicial transformou-se em ferramenta fundamental a uma nova postura didática vivencial dessa profissão. É claro que a insegurança e o despreparo geram, inconscientemente, uma reação natural de vencer pela superação conquistando a cada passo dado uma nova forma de fazer o novo.

Mossoni (2001) aponta que há um campo de silencio na LDB quanto à formação didática do professor determinando que, ao professor, basta ter competência técnica para exercer a profissão, deixando a lei margem à divagação em sua interpretação. Quanto ao princípio fundamental da legalidade, aquilo que a lei não explicita de forma clara e sucinta não pode ser aplicada ao pé da letra, necessitando de análise jurídica mais especializada no assunto. Em contrapartida, essa mesma lei não deixa margem de dúvida quanto à avaliação, onde esmiúça em detalhes uma correta forma em acompanhar a evolução na formação do aluno.

As universidades do Brasil e de boa parte do mundo ainda não encontraram uma fórmula para preparar o professor a sair de sua formação superior pronto para dar aula. O que se observa na realidade é uma formação restrita somente a disciplina a ser ensinada, que constitui uma limitação institucional, carecendo não só de bons laboratórios práticos como de material humano especializado no assunto. Da mesma forma a pós-graduação passa a ser um espaço de formação de bons pesquisadores, mas com pouca performance na práxis educativa. Portanto é necessário haver a fusão do pensar teórico com a ação. Um não vive sem o outro. Conforme Gimeno Sacristán e Perez Gómez (1998), o pensamento e ação relacionamse à abordagem reflexiva. Isso significa dizer que o professor universitário além de ser pesquisador e teórico deve se revestir de uma prática continua reflexiva, pensar não por pensar, mas pensar direcionando seu foco a descobrir novas vias em atuar de forma consciente e autônoma criando seus próprios mecanismos de ensinar a partir do que se ensinou anteriormente, e aprender com aquilo que se ensina em sua vivencia diária.

Comprovadamente, muitos alunos que passaram nos primeiros lugares em provas de avaliações para atuarem como professores não suportaram a pressão da sala de aula, justamente por não terem sido preparados emocionalmente e afetivamente para este cargo. Ser professor requer mais do que da teoria acadêmica, requer vivencia empírica. Há muitos bons professores que aprenderam observando, extraindo minuciosamente os detalhes, incorporando a sua personalidade.

Para o aluno ser um bom professor é preciso desenvolver habilidades e competências, sendo esta, a constituição de um conjunto de conhecimentos, atitudes, capacidades e aptidões que habilitam alguém para vários desempenhos da vida. Elas não se aprendem da noite para o dia, nem sentado numa cadeira olhando a lousa; elas enquanto atributos indispensáveis a qualquer um que deseja ser um bom professor precisam ser desenvolvidas com muito esforço.

As habilidades, por exemplo, estão ligadas não apenas ao saber algo, mas ao saber fazer, ao saber ser e ao saber convi-

ver constituindo os pilares da educação. É como alguém que para aprender andar de bicicleta precisa treinar o equilíbrio muitas vezes. Portanto ao se projetar como bom profissional da educação é preciso associar à formação inicial essas habilidades, sobretudo o saber conviver, um dos maiores desafios dos educadores, porque nessa habilidade é que vão atuar as atitudes e valores relacionando-se com os alunos de forma adequada.

Em 2011, no Congresso Internacional "Educação: uma Agenda Urgente" em Brasília, abordou-se que a formação inicial do professor deveria levar em conta o que se espera que o aluno aprenda em sala de aula. Uma crítica apontada pela diretora Priscila Cruz de "todos pela educação" é a de que os estudantes de licenciaturas ou os recém-formados não conhecem o dia a dia das escolas. Por isso, haveria a necessidade de aproximar as instituições formadoras de docentes do cotidiano das escolas públicas como laboratórios. Assim, conforme a consultora do Itau BBA o professor tem que saber o que fazer diante do aluno que não aprende. As universidades devem pensar qual é o currículo que deve atender esses problemas.

Apesar de todos os esforços feito para melhorar a qualidade da educação e das condições de trabalho do professor universitário, o que se apresenta diante do professor são ações e idéias que vão sendo trabalhadas ao longo de sua trajetória como educador, que implica re-invenção nos métodos e luta constante para conseguir ensinar com qualidade, mas quase sempre caminhando sozinho.

A pedagogia do Ensino Superior na formação de professores apesar de toda dificuldade tem progredido em seus conceitos e métodos. Com isso, o ensino passa a ser favorável a aquisição de conhecimentos de qualidade. Ela tem contribuído com novos métodos para o desempenho desse papel ativo. Mesmo aquém do que se espera, a atenção principal na ação educativa tem procurado transferir o foco do ensino para a aprendizagem.

Na visão de Gimeno Sacristán (1999), aprendemos de formas complementares e por superposição de conhecimentos, isso quer dizer que a experiência é a própria forma de ensinar e aprender com situações cotidianas e gradativas, realizada lentamente, mas com propriedade, embora sem uma ordem definida. Muito embora a preparação para exercer o papel de educador seja específica e pessoal, ela não deixa de passar pelo coletivo, pois existe sempre um grupo que partilha o mesmo universo de idéias.

Diferente de outras profissões, aqui, o professor aprende ensinando, não tem outro jeito, por mais que no período de estágio o aprendiz esteja ao lado de um excelente mestre. É no exercício de sua prática que denotará o quanto tem de habilidade para realizar tal tarefa. Qualquer profissão se aprende estudando, como por exemplo, um médico não pode realizar as primeiras cirurgias sozinho, há sempre um professor na área a seu lado que vai o orientando. No entanto, não é o que se observa na área da educação: o professor sem nenhuma experiência é lançado praticamente numa jaula de uma sala de aula, em que o processo cirúrgico acaba sendo quase sempre doloroso.

3 PROFESSOR REFLEXIVO: UMA PRÁTICA CONSTANTE

Desde o início dos anos 1990, a expressão professor reflexivo se tornou recorrente dentro do cenário educacional mundial, uma prática bastante comum abordada por diversos autores em que associa a reflexão não como uma atitude passiva, mas a um movimento de ação, de atitudes concretas fundamentados na construção do conhecimento por meio da reflexão. Deve-se a isso uma análise e conseqüentemente a resolução de problemas com que o professor universitário se depara.

Um termo muito apropriado que associa essa construção do saber por meio reflexivo na forma de pensar é o que chamamos de epistemologia da prática. Para Gimeno (1999), o sucesso dessa epistemologia ocorrerá se for considerado que a teoria e a prática são como amigos inseparáveis no plano da subjetividade e autonomia do professor. Esse conhecimento não é adquirido apenas durante sua formação ou durante a prática, ele pode ser complementado por teorias de educação possibilitando ao professor criar seus próprios métodos, valendo-se de acúmulos de experiências teórico-prático em constante progresso. A reflexão deve ser uma constante para que o professor seja autônomo e dono de seu próprio compromisso didático-educacional, não podendo deixar de lado o processo reflexivocoletivo, pratica defendida por Zeichner(1992) em que transforma o espaço acadêmico em centros de aprendizagens coletivos nos quais os professores se apóiam e se estimulam mutuamente. A coletividade da prática reflexiva passou então a ser um grande desafio numa sociedade globalizada e individualista, geradora de vícios e fragmentada na forma de construir o conhecimento essencial a ser transmitido.

Dessa forma, Gimeno(1999) afirma que o professor reflexivo passa a ser mediador entre o aluno e o conhecimento e que toda expressão cultural de sabedoria adquirida nesse novo paradigma passa a interferir signitivamente e positivamente nessa relação universitária. É como se o professor não só dissesse a seu aluno a maneira de atravessar a ponte, mas ir junto com ele até o destino final.

Portanto, o educador nunca deve acomodar-se numa postura que sabe tudo, que não precisa de nada nem de ninguém, pelo contrário, deve estar atento às necessidades emergentes de uma sociedade que muda a cada minuto, buscando constante aperfeiçoamento e reflexão em sua forma de agir.

Os desafios dos professores universitários em sua prática diária transformam-se em ricas oportunidades de construção de experiências singulares, acumulando valores culturais sem igual onde todos acabam ganhando nesse processo contínuo de aprendizagem. Segundo Gimeno(1999) a própria sociedade cria condições para esse fim:

As marcas das ações passadas são bagagem de prática acumulada, uma espécie de capital cultural para as ações seguintes; essa bagagem é possibilidade e condicionamento que não fecha a ação futura. A sociedade cria as condições para a ação, a fim de que os seres humanos possam agir e o faça de uma forma deter-

minada, como fruto da socialização, mas as ações envolvem decisões humanas e motivos dos sujeitos. (GIMENO SACRINTÁN, 1999, p.75).

Percebe-se então que as estruturas nos moldes fixos como no passado tendem a ser transformadas pelas decisões humanas como fruto de uma nova socialização, novas motivações e necessidades geradas a partir das dificuldades encontradas nos saberes dos alunos, ingressos às universidades cada vez mais fracos em sua base educacional.

A experiência de um professor acaba sendo a experiência de seus pares, produzido pelo intercambio de idéias e pensamento sistêmico a solucionar dificuldades complexas da vivencia, conflitos onde essa relação vai constituindo gradativamente o que Gimeno Sacristan (1999) chama de prática educativa. Esse autor também diz que essas ações realizadas em sala de aula permanecem na pessoa influenciando suas atitudes como parte formativa da pessoa que se desdobrará ao longo de sua vida.

Assim, o professor passa a ser um facilitador, seu papel passa a ser o de propor situações problemáticas considerando a vivência confrontada com o conhecimento adquirido dentro do saber escolar, proporcionando rica oportunidade de crescimento discente. Essa ação pedagógica tende a desinstalar o aluno de sua zona de desenvolvimento proximal forçando-o a pensar não por pensar, e sim em encontrar solução à situação problema proposta de acordo com o pensamento de Vygotysk (1991) em linguagem e pensamento.

Segundo Gimeno Sacristan (1999), o professor assume a postura de guia reflexivo iluminando os passos e as ações em sala de aula interferindo solidamente na construção do conhecimento discente. Para isso, o professor deve ser exemplo. Como é que o professor quer que seus alunos reflitam em sua pratica se ele mesmo não o faz? Por isso é preciso haver coerência em sua fala para que seja embasada em solidas e honestas recomendações para crescimento coletivo.

Conforme ao mesmo autor (1999, p.73), “a prática educativa é o produto final a partir do qual os profissionais adquirem o conhecimento prático que eles poderão aperfeiçoar”. Assim, vemos que na carência dessa pratica educativa, muitos professores praticamente acabam se enfraquecendo quanto ao domínio do conhecimento global a ser ensinado, ficando despreparado para a realização de tais tarefas, seja pelo buraco na qualificação como um todo ou pela limitação da formação inicial.

O conhecimento que o professor possui advindo de sua cultura e de suas experiências vivenciadas em sala de aula e na sua relação com seus pares estabelece uma base sólida para toda trajetória educacional. Por isso, ninguém é uma ilha, isolado, todos apontam para o coletivo, numa reflexão cultural conjunta, numa troca de experiências, abrindo-se a prática educativa de grupos e práticas sociais transmitindo o resultado aos alunos.

Para Gimeno Sacristán (1999), o mundo externo e alheio a nós possui variadas dimensões que despertam em nós reações de significados também variados. O fato vivido por uns não significa que seja exatamente experimentado por

outros, cada um enxerga de uma forma singular. A própria experiência individual requer análise reflexiva mesmo com um simples contato, variando de matizes conforme o indivíduo. Por isso, ninguém pode ser desprezado em suas atuações, mas buscar da reflexão simples à reflexão crítica.

4 HÁBITUS: VICIO DE UMA PROFISSÃO DESAFIADORA

No início de sua carreira, o professor muitas vezes não sabe o que fazer pelo simples fato de que agir inconscientemente. E essa inconsciência decorre de hábitos viciosos de ações no dia a dia, automatizando comportamentos, assim como ocorre com nossas emoções e até mesmo as nossas reações psíquicas. Essa automatização na improvisação, principalmente quando não se prepara adequadamente uma boa aula é denominada de habitus por Philipe Perrenoud (1998,1999), que consiste de gestos mecânicos, rotineiros que não exige saberes nem de uma boa preparação de material para dar aula. Segundo o autor a improvisação é regida por esquemas de percepção, de decisão ao quais pouco mobilizam o pensamento racional do professor.

Durante sua vida profissional, o professor constrói varias rotinas. O professor até tenta empregar numa aula seu conhecimento e técnicas, mas o habitus acaba interferindo nessas ações, é como se sintonizasse uma estação de rádio com outra entrando junto.Mesmo planejando certinho uma seqüência didática , uma parte dessa ação é controlada pelo habitus, que foge da lógica natural produzindo incidentes no próprio comportamento do professor. O professor iniciante que geralmente está sozinho reage em função do habitus muitas vezes, e que só com o passar do tempo é que ele vai se sentindo seguro com confiança suficiente para que, nos imprevistos, consiga manter-se equilibrado. Por isso, a formação inicial deveria prevê todas essas variações e preparar melhor o professor para que tenha sucesso nessa empreitada.

Portanto, para minimizar o seu efeito na prática pedagógica são fornecidos alguns mecanismos favorecedores da tomada de consciência e das transformações do habitus. Elencaremos apenas cinco deles:

1) A prática reflexiva nomeada por Schón como consciência de si ou simplesmente lucidez, que consiste em anotar suas intenções e realizar seu grau de realização promovendo um ritual sadio que proporcione auto-observação.

2) A mudança nas representações e nas práticas: ao descobrirmos que sorrir, abaixar a cabeça, virar as costas, têm significado diferente em outras sociedades, aprendemos sobre o significado dessas ações na nossa sociedade. Com isso, um professor pode perceber que uma simples atitude tomada pode gerar mudanças no comportamento dos alunos. Um bom exemplo é relatar e ouvir relatos de colegas sobre atitudes de alunos e os efeitos disso na atitude do professor.

3) A observação mútua: a estratégia de observação dos pares apresenta vantagens de perceber que todos precisam se aperfeiçoar. Na critica construtiva do colega, o observador será, em outro

momento, o observado.

4) A escrita clínica: escrever sobre sua prática é uma maneira de falar de si mesmo ou de se dirigir a outros. Pode ser um diário, relatar incidentes no percurso ou situações desconcertantes. A escrita vai aos pouco organizando o pensamento.

5) A vídeo formação: ser filmado dando aula. Um vídeo é mais eficaz do que qualquer discurso, mas é uma prova rude daí a resistência de muitos educadores.

Todos esses mecanismos elencados além de outros, ajuda a ter ações conscientes mediante o imprevisível, o inesperado produzindo gestos pautados na lucidez. Não se pode ser lúcido o tempo todo, mas é preciso estar vigilante. Daí a importância de se incluir o estudo sintetizado do habitus nesse trabalho científico.

5 FORMAÇÃO CONTINUADA: PARA TODA VIDA

Desde que a educação existe, acreditou-se que o papel fundamental do professor era o de ensinar. E provavelmente a maioria das pessoas ainda pensa assim. Mas há um pensamento comum entre os especialistas em educação. Para os educadores que se baseavam às idéias de (Carl Rogers, 1986), por exemplo, o principal papel do professor não é o de ensinar, mas o de ajudar o estudante a aprender. Ele sustentava o pensamento de que o organismo humano, assim como todos os outros, incluindo plantas, tem como fim sua autonomia, ou seja, no caso particular dos seres humanos, a capacidade de estar sempre em processo constante de atualização aberto a novas experiências, desenvolvendo aquilo que se aprende com o auxílio do professor, (Rogers, 1986).

A realidade no ensino superior hoje exige um profissional com diferencial profissional comparados com aqueles que eram exigidos no passado. A atividade educacional no ensino superior não pode ser elaborada apenas por especialista que busca interesse financeiro como forma de complementar seu salário. Não deve, também, ser exercida por pessoas que buscam status de professor universitário ou que dão aula porque vêem a atividade como uma atividade prazerosa depois de um dia de trabalho árduo. O que se espera é que ele seja um educador competente, que consiga mobilizar um conjunto de recursos intelectuais para solucionar com eficácia uma série de situações ligadas a contextos culturais e sociais (Perrenoud, 2001).

Essas competências são compreendidas não como dons natos dos seres humanos, mas como aquisição ou aprendizados constituídos aos poucos conforme falado anteriormente. E somente vão se manifestar por meio de aprendizados que não ocorrem espontaneamente, mas são produzidos ao longo de muito tempo e com muito esforço. Infelizmente, nem todos tem a mesma capacidade de desenvolvimento, justamente por não ter a mesma visão no processo educacional e seus meandros em realizá-los. Logo, sem as competências especificas nessa área tornar-se-á um tanto difícil realizar a tarefa de educador devido a sua complexidade. Não que o pleno desenvolvimento dessas habilidades seja menos importante em

outras áreas profissionais, aqui elas serão extremamente relevantes na formação de médicos, engenheiros e pessoas que podem fazer a diferença na sociedade.

No mundo acadêmico de hoje o que mais interessa é a busca de uma mentalidade científica, que se interessa em pesquisar o desenvolvimento das competências e capacidades de análise, síntese e avaliação. Com todas essas habilidades, portanto, ele poderá desenvolver o papel de formador de seres humanos preparados para viver em sociedade como bons trabalhadores e bons cidadãos. Por isso, o professor deixou, há muito, o papel central na ação educativa, valorizando o aluno como protagonista em suas ações na construção de valores materiais e, principalmente, humano.

Perrenoud enaltece e muito professores capazes de trabalhar em equipe (Perrenoud, 2000). Que seja capaz de integração nos grupos de pesquisa com profissionais de diferentes áreas o que na LDB se chama interdisciplinaridade, que é a participação ativa dos professores em projetos multidisciplinares num desafio contínuo em viver em colaboração com seus pares, dirigindo situações de aprendizagens capazes de proporcionar sua própria formação continuada reciclando seus métodos e conteúdos gerando novos conhecimentos científicos. Portanto é fundamental mudar o foco do ensinar para o aprender, pois ninguém é produto pronto e acabado, aprende com seus pares, seus alunos, com a família, com a vida,etc. É importante ressaltar aqui o papel do coletivo na formação de grupos de pesquisa como estratégia de boa formação, pois através da troca de informações atualizadas, evita-se o vício da repetição de conhecimentos ultrapassados, e gera-se uma nova motivação em se construir novos paradigmas educacionais para um futuro melhor de nossos alunos.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho procurou mostrar que para ser professor universitário não basta apenas ter um diploma de pós-graduação ou de mestrado, é necessário que ele reflita em suas ações buscando sempre seu aperfeiçoamento profissional. Há que se recobrar o sentido maior de sua formação: formar outras pessoas para a vida, visando não apenas uma formação puramente acadêmica, mas uma formação voltada aos anseios pessoais e profissionais de nossos alunos e da sociedade como um todo.

Cumpre ao professor, portanto, a missão insubstituível de formar novos cidadãos, novos seres humanos capaz de fazer a diferença na sociedade, pessoas que reflitam em suas ações, intelectuais críticos, e não repetidores de conceitos e idéias pré-estabelecidas, capazes de se auto-analisarem com honestidade e sinceridade produzindo seus próprios materiais intelectuais.

A verdadeira postura do professor, por fim, passa pelo enfrentamento do real em sua vivencia diária, transformando todo conhecimento cientifico, adquirido pelas pesquisas, em matéria prima transformada em desafios práticos externos e internos à sala de aula, mobilizando toda competência necessária nesse processo que vai sendo reconstruído lentamente no dia a dia educacional, pois a prática